

Cidade em transformação: possibilidades da história do tempo presente

CAMPOS, Emerson César de; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Orgs.). *Florianópolis no tempo presente*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2011.

Lidia Schneider Bristot¹
lidiabristot@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

O livro *Florianópolis no tempo presente*, publicado pela editora da Universidade do Estado de Santa Catarina, é uma compilação de diversos artigos que investigam a capital catarinense nos mais variados aspectos nas últimas décadas do século XX e o início do século XXI sob a perspectiva da História do Tempo Presente. Organizado pelos professores da mesma universidade, Emerson Campos, Luiz Felipe Falcão e Reinaldo Lohn, que também coordenam o Laboratório de Estudos da Cidade do Centro de Ciências Humanas da UDESC. Todos os autores do livro também participam ou participaram do LEC, onde as pesquisas têm como foco a construção sociocultural das cidades e suas representações no Tempo Presente.

Emerson Campos atualmente mudou suas pesquisas, trabalhando agora com gênero, identidade e integração com descendentes de italianos que imigram para a Itália na contemporaneidade, no entanto realizou pesquisas sobre a cidade de Florianópolis, analisando as sociabilidades e lugares de sentido no entorno da Praça XV de Novembro e as populações e territórios estrangeiros na Ilha. Luiz Felipe Falcão trabalha com a questão das transformações urbanas na cidade durante as décadas de 1960 e 1970, e para além do espaço de Florianópolis trabalha com esquerdas e militância, principalmente através da História Oral, durante as últimas décadas do século XX. Reinaldo Lohn pesquisou sobre cultura urbana, ditadura e democratização na Grande Florianópolis, e seus projetos de pesquisas atuais focam na imprensa brasileira para pensar tanto o período de ditadura civil-militar como o processo de redemocratização até a década de 1990, problematizando a construção de memórias e representações construídas por esses periódicos.

Discutir o Tempo Presente tem sido algo recente na historiografia, junto com novas questões como a memória e a subjetividade. Ela parte do pressuposto de que toda a análise

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.



histórica é escrita a partir do presente e das questões e inquietações pertinentes a esse presente. Dessa maneira, através da História do Tempo Presente é possível compreender acontecimentos e processos que se desenvolveram ou se desenvolvem no recente século XX e XXI. O departamento de História da UDESC foi um dos primeiros a organizar um programa de pós-graduação que tem como área de concentração a História do Tempo Presente, aberto em 2007, e vem sendo referência nessa área de pesquisa, com a revista *Tempo e Argumento* e organizando em 2011 o primeiro Seminário Internacional História do Tempo Presente.

Esse livro é um esforço em reunir pesquisas que pensam a cidade de Florianópolis nesse contexto. A ilha de Santa Catarina é um espaço que possibilita pensar diversas questões relacionadas ao tempo presente, uma vez que a cidade, principalmente a partir da década de 1970, passou por grandes mudanças que fizeram com que novas redes sociais se constituíssem, e costumes e configurações urbanas se transformassem, se aproximando, dessa forma, de fenômenos socioculturais contemporâneos mais abrangentes. É com base nesse período e nessas mudanças que os diversos artigos discorrem, pensando nas inúmeras possibilidades de se compreender como essas transformações ocorreram na cidade, quais seus motivos e desdobramentos.

O primeiro capítulo, *Filhos e amigos da “boa política”: formação e procedimentos das elites políticas de Santa Catarina*, escrito pelo professor Marcelo Coelho Raupp, trata de um tema ainda recorrente na realidade do estado: a permanência das mesmas oligarquias na política. Utilizando-se da trajetória de Aderbal Ramos da Silva, político catarinense que fez carreira em Florianópolis e foi governador do estado, o autor busca compreender como se formam as redes de sociabilidade que buscam manter essas oligarquias no poder. Trabalho importante quando, infelizmente, percebe-se que muitas dessas práticas ainda são mantidas atualmente.

Os próximos dois capítulos que seguem no livro tratam do mesmo período histórico – a ditadura civil-militar, apesar dos diferentes objetos de pesquisa. Mateus Gamba Torres escreveu sobre *O MDB e o comunismo na Operação Barriga Verde*, operação esta que buscava desarticular o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e sua infiltração no partido de oposição MDB em âmbito nacional. Em Santa Catarina vários militantes políticos foram presos, torturados e julgados, sendo este um dos eventos relacionados à repressão no estado mais contundentes. O terceiro capítulo, dos autores Carla Acordi e Felício Mourão Freire, discute o processo de urbanização ocorrida em Florianópolis a partir do golpe de 1964,



pensando nessas mudanças como o surgimento de uma “cidade da ditadura”, voltada para as necessidades e interesses da classe média.

Um interessante trabalho sobre um tema ainda pouco discutido é o artigo intitulado *Praias, sol e anarquia: projeções libertárias na Ilha de Santa Catarina nas últimas décadas do século XX*, de Antonio Cleber Rudy. Sua discussão sobre ideias libertárias, anarquismo e movimento *punk* é muito interessante, pois trás a tona um assunto pouco estudado na cidade, mas que analisa as diferentes possibilidades de utilização do espaço publico urbano.

O quinto capítulo, do doutorando Rafael Damaceno Dias, investiga as sociabilidades e tensões sociais que ocorreram com o crescimento da cidade, suas transformações e o aparecimento de novos atores sociais, através da migração que a cidade recebe. Essa situação foi percebida por cronistas e escritores locais como um sintoma do desaparecimento de modos de ser e viver florianopolitanos, e é isso que o autor busca interpretar, percebendo como esses sentimentos em diversas pessoas mostra que existe um conjunto de referências culturais comum entre os ilhéus. Já o próximo capítulo analisa o Plano Diretor da cidade de 1976, mostrando esse momento como um espaço de disputa entre os diferentes projetos de cidade que se vislumbrava. Michel Goulart da Silva analisa como a imprensa se posicionou, e que projeto de cidade acabou se tornando vencedor.

Larissa Cerezer escreve sobre espaços e práticas de alimentação no centro de Florianópolis nas décadas de 1950 e 1960. Utilizando periódicos e entrevistas a autora busca compreender como se dava esses espaços de sociabilidades e quais mudanças são perceptíveis ao longo dessas duas décadas. As mudanças que ocorreram na ilha a partir desse momento são reconhecidas por todos os autores. O capítulo seguinte trata de uma dessas mudanças, que é a invenção do “manézinho”, como podemos perceber no artigo de Bruna Silveira, Daniel Henrique França Lunardelli e Daniela Martini Moraes *Floripa e o manezinho: a construção de uma cidade e sua identidade*, que discute como a partir dos anos 1970 se cria uma indústria do turismo na cidade, que faz com que o nativo típico, o “manézinho”, surja como identidade local. Através do discurso da imprensa os autores mostram como é possível ver essas transformações e as crescentes buscas dessa imprensa em transformar a cidade em uma cidade turística, vendendo uma imagem de progresso e desenvolvimento. É muito interessante perceber nas notícias dos jornais utilizados no artigo como se busca criar também um nativo que saiba receber esses turistas, buscando assim melhorar a recepção destes turistas e também deixar para trás uma imagem de cidade provinciana e atrasada, em certos aspectos.



O seguinte capítulo é pertinente por trabalhar com as charges do artista Sérgio Bonson, publicadas no jornal A Notícia no início do século XXI. A autora, Michele Bete Pery busca, por meio dessas charges, compreender o cotidiano da cidade na contemporaneidade, onde as mudanças ocorridas no espaço urbano ao longo do século XX e início do XXI foram retratadas de maneira humorística pelo artista. Já Paulo Roberto Santhias escreveu o artigo *Zzzzriguidum! Consulado, o choque do samba em Florianópolis*, acerca da escola de samba Consulado, que se iniciou como bloco de carnavalesco em 1976 até se tornar uma das escolas de samba da cidade. Este é um trabalho muito pertinente, uma vez que a música ocupa na sociedade brasileira um espaço especial na produção cultural, e pode ser historicizada de maneira a se compreender mudanças em nossa sociedade.

O artigo *De camponeses a comerciantes: reflexões sobre a imigração árabe em Florianópolis (1990-2010)* trata de um tema que ainda tem pouca visibilidade na historiografia catarinense, que ainda tem uma grande predileção em estudar as imigrações européias para o estado. Dividindo a imigração árabe para Santa Catarina em três ondas, os autores estudam através de fontes orais e personalidades árabes da cidade, como esses imigrantes conquistaram seus espaços em Florianópolis, com fronteiras mais ou menos rígidas.

Misael Costa Corrêa escreveu seu capítulo sobre as novas sensibilidades nas práticas que envolvem animais. E não é só a farra do boi que Misael analisa, tema que já possui estudos extensos, mas também o abandono de cães e as brigas de galo. A crescente urbanização de Florianópolis produziu novas sensibilidades e sociabilidades, que fizeram com que costumes se modificassem. Essa mudança em relação aos animais é o que o autor busca transparecer em seu texto. Um dos últimos capítulos é sobre um bairro específico da cidade: *Contemplando Itacorubi: um bairro entre o rural e o urbano em Florianópolis na segunda metade do século XX*, escrito por André Eitti Ogawa, busca analisar as transformações ocorridas no bairro Itacorubi, onde fica a Universidade do Estado de Santa Catarina. As mudanças nessa região, assim como em toda a cidade, como se percebe ao longo do livro, ocorreram principalmente a partir das décadas de 1970, com a mudança de instituições públicas para aquela região. Através de fontes orais o autor busca perceber como mundo rural e urbano se relacionam nesse mesmo espaço, buscando perceber os múltiplos significados que os moradores dão a seu bairro.



Escrito pelos organizadores do livro, o último capítulo, *Tempos saturados*, é um interessante fechamento, pois busca teorizar o trabalho historiográfico com o tempo presente. Ao longo de todos os capítulos do livro percebe-se as mudanças significativas que ocorreram em Florianópolis especialmente entre 1970 e 2000. Nesse capítulo de conclusão é discutido até que ponto uma cidade como Florianópolis pode servir para uma reflexão dos processos de transformações ocorridas no Brasil nas últimas décadas, e se utilizando de Jacques Revel buscam realizar um “jogo de escalas” entre macro e microsocial para compreender as possibilidades de relação entre Florianópolis e um macrossocial. Os autores também defendem a utilização do conceito de rede social para seus trabalhos, mostrando que este pode enriquecer a compreensão das sociabilidades contemporâneas.

Através do estudo do tempo presente é possível perceber as mudanças que ocorreram na Ilha de Santa Catarina ao longo do século XX, e também que essas não foram transformações exclusivas dessa cidade. O crescimento urbano, as novas sensibilidades, o regime ditatorial, fizeram com que ocorresse a construção de novas redes sociais que mudaram tanto os espaços quanto os significados da cidade. Florianópolis entrou para a modernidade urbana globalizada, no entanto ainda manteve – e mantém – particularidades locais e aspectos de cidade pequena.

Recebido em 26 de fevereiro de 2013.

Aceito para publicação em 11 de março de 2013.

